

**A ESCASSEZ DA SOBERANIA NA LEITURA ENTRE OS ALUNOS
DA 6º E 8º SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL
NO COLÉGIO ESTADUAL JOHN KENNEDY**

ANDRADE, Aharon Sousa.
ahasandrade@ig.com.br

LIMA, Luiz Eduardo Andrade. (Orientador)
Graduado em Letras Português Inglês, Pós - Graduado em Educação e Literatura, Profº do
Curso de Letras - Português da Universidade Tiradentes – UNIT.
eduardo_lima@superig.com.br
www.eduardoeducacao.cjd.net

RESUMO

Decorrente de estágios feitos nas 6ª e 8ª séries do Colégio Estadual John Kennedy este artigo científico abordou acontecimentos, sobre o ensino de leitura. Foi relatado também a importância das ciências da linguagem e que a leitura contribui na formação desses alunos como indivíduos, para que possam entender a linguagem do mundo em que estão inseridos. Esses fatores foram comparados com o que autores de renome recomendam e com orientações das leis da educação brasileira, que em forma de análises e discussões sobre as metodologias aplicadas pelas regentes dessas séries, chegou-se a conclusão de que não são os alunos os únicos responsáveis pela sua má formação, como leitores, mas também as práticas metodológicas dos docentes, em geral impostas pelo sistema educacional brasileiro, resultando em anos de presença em sala de aula e mesmo assim não satisfazendo as necessidades básicas desses alunos, para que ao saírem da escola consigam assimilar o contexto de mundo em que vivem.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência, Metodologia, Sistema,

INTRODUÇÃO

Quando em prática do Estágio Supervisionado I, percebeu-se a realidade de como vem sendo trabalhada à leitura na sala de aula, a professora regente utilizava apenas o livro didático, quase nunca, trazendo ou indicando leituras complementares, faz as regências de suas aulas com métodos tradicionais e o quesito leitura, apenas quando ela ou algum aluno lê o assunto ou textos, apenas, do livro didático. A regente ao lê textos, pouco os interpreta, não discute ou mesmo o contextualiza com a sua aula, com o assunto do dia, isso, faz com que a leitura seja algo enfadonho, sem graça ou mesmo com diversão para os alunos, os quais devido a essas práticas, não se interessam ou mesmo preocupam-se com o que está sendo lido.

Portanto, interado das dificuldades e metodologias aplicadas em sala de aula quanto à leitura utilizadas atualmente por uma maioria dos regentes e mais especificamente pelos do Colégio Estadual John Kennedy, surgiu o interesse em “Pesquisar a escassez da soberania na leitura entre os alunos da 6º e 8º séries do Ensino Fundamental no Colégio Estadual John Kennedy” e após concluir esta pesquisa, procurar também, determinar as falhas e encontrar saídas como meio de poder estimular cada vez mais a leitura dos alunos, proporcionando aos mesmos uma melhor interpretação, visão do seu mundo.

Com o grande avanço da tecnologia, mais precisamente da informação a toda hora crianças, jovens e adultos estão em contato com novas informações, inovações, com isso, professores e educadores também devem seguir essas tendências e trazer a todo momento para suas aulas novas metodologias de regência.

Os estudantes de Letras Português sabem que há muito se vêm estudando a importância da leitura na formação cultural e social dos indivíduos.

Nas últimas décadas, o desenvolvimento das ciências da linguagem, conferiu novo status à leitura. A leitura tornou-se objeto de pesquisa por muitos, devido perceberem que, quem tem hábitos regulares de leitura destaca-se daqueles que não a praticam.

A leitura exercita a inteligência, possibilitando a integração com o mundo, por adquirir novos conhecimentos; geralmente quem não a pratica sofre por não estar interado desses conhecimentos ficando a mercê das imposições por parte dos que estão.

Partindo desses preceitos propõem-se, na tentativa de desenvolver uma pesquisa a qual pode ajudar a entender melhor o que acontece entre a prática e o que se orienta, será usado como base os PCNs, a LDB e o livro “aula de português” de Irandé Antunes, os quais propõem o que os professores e educadores devem fazer em sala de aula.

As pesquisas no âmbito da leitura no Brasil revelam que o não domínio generalizado do ato de ler por parte dos alunos, frequentadores de escolas públicas, sensibiliza os educadores, denunciando a necessidade de criar uma sólida tradição científica na área da leitura, para superar o descaso na investigação.

A política de escolarização do Governo Federal consegue, de certa forma, proporcionar aos alunos à permanência nas escolas por 10, 15 anos de frequência em sala de aula, entretanto uma maioria mesmo concluindo o Ensino Médio e tendo passado tantos anos em sala não saem preparados e capazes de fazerem uma leitura, interpretação com qualidade

de textos ou mesmo de seu mundo. Tornando-os assim pessoas escolarizadas, mas não preparadas para entenderem o contexto e a ideologia em que estão inseridos.

Como esse sistema faz com que a leitura seja essencialmente um objeto de ensino, compete a pesquisadores e profissionais da educação contribuir para que ela se torne também, um objeto de aprendizagem, interpretação, hábito de ler, conseguindo assim contextualizar os textos da vida em seu mundo como leitor.

Os caminhos “metodologias” para incentivar a leitura junto aos estudantes, considerando os níveis de capacidade compreensiva, de assimilação e interpretação crítica dos textos, há muito vem sendo um dos grandes obstáculos a ser enfrentado por professores e educadores das escolas públicas de todo Brasil. Sabe-se que a leitura assume um papel fundamental na aprendizagem de todos os conteúdos escolares.

O sucesso escolar depende do domínio dessa habilidade, resguardando obviamente, outros fatores. Sem dúvida alguma, é a linguagem um dos fatores preponderantes para o fracasso das camadas populares; isto porque, na escola a variante padrão é socialmente prestigiada e as camadas populares que não a dominam se vêem conseqüentemente marginalizadas. Várias hipóteses têm sido levantadas para explicar as causas do fracasso escolar das camadas socialmente desfavorecidas. Dentre elas, citam-se: as metodologias de leitura aplicadas nas salas de aula. Em uma maioria absoluta das escolas a leitura tem sido o cumprimento de uma formalidade, ou seja, prioriza o processo de associar sons e letras, decodificar palavras isoladas, formar frases e períodos, afastando o aluno do real sentido da leitura, que é a perspectiva, a possibilidade de mergulhar no universo do autor.

A leitura, numa concepção de linguagem internacionalista, ultrapassa a compreensão da superfície; ela é mais do que o entendimento das informações explícitas, letras, palavras, períodos ou sons é na verdade um processo de experiências por meio de texto escrito. Para Freire (1985, p. 8) o significado da leitura, diz o seguinte: “eu ou ao texto carinhosamente. De modo geral ou simbolicamente eu ponho uma cadeira e convido o autor, não importa qual, a travar um diálogo comigo”. O que Freire refere-se é que o sentido, nesta perspectiva, não é algo pronto, acabado no texto, mas é conferido pelo leitor que age, com seu jeito próprio, sobre o texto, ou seja, quando um autor se dispõe a escrever um livro ‘texto’ ele certamente tem um público alvo, pois se ele escrever textos os quais não sirvam como exemplos ou não se encaixe nesse público ele não conseguirá interagir com o mesmo e assim não tem significado escrever, portanto:

A escola, como instituição a serviço da sociedade capitalista, assume e valoriza a cultura das classes dominantes, assim, o aluno proveniente das classes dominadas nela encontra padrões culturais que não são os seus e que são apresentados como “certos”, enquanto os seus próprios padrões são ou ignorados como inexistentes ou desprezados como “errado”. Seu comportamento é avaliado em relação a um “modelo”, que é o comportamento das classes dominantes (SOARES, 1986, p. 56).

A leitura é um desafio não por sua codificação, mas por exigir algo mais que permita ao leitor à construção do seu próprio conhecimento e que seja estimulado para sempre, despertando o prazer para a leitura. No entanto, com o objetivo de despertar o prazer para a leitura, o professor deverá tentar descobrir os impulsos e interesses dominantes do aluno. Nestes termos, o professor só desenvolverá esse processo sendo um bom leitor.

Contudo, constata-se que a atividade de leitura não pode faltar no aprimoramento da língua portuguesa. Entretanto, esse aprimoramento é essencial também para um bom entendimento das outras matérias do currículo escolar, mas, todavia ainda vem sendo posto como obrigação, de apenas a matéria da língua portuguesa trabalhar esse aprimoramento. É

sábio que na sociedade moderna em tempos de celular, de internet, nestes tempos, ler torna-se cada vez mais difícil. Neste contexto não há muito espaço para a leitura por apenas uma disciplina do currículo escolar. A contemporaneidade é marcada pela falta de tempo de ler e escrever falta de contato com textos e contextos que incentivem a leitura para obter experiências.

2 PRÁTICAS DOS DOCENTES

É de conhecimento que a sociedade em geral valoriza a leitura e a escrita, apesar de que o primeiro valor é o econômico. Entretanto as pessoas de maior conhecimento terão mais probabilidade de ascensão para alcançar esse “valor econômico”, a leitura por sua vez é o ponto chave para o entendimento de textos e do mundo, portanto a interdisciplinaridade é muito importante e enriquecedora, pois nenhum professor de português tem a abrigação de dominar todas as áreas de estudo. Sentindo a necessidade ele pode chamar um professor de história, por exemplo, para ministrar uma aula a respeito do surgimento do preconceito.

Entreposto o que é leitura, seus benefícios e fins, o que os professores e educadores devem fazer, para assim melhorar o ensino da leitura, será demonstrado através de relatos, sobre o que de mais grave foi encontrado nessas duas séries.

As regentes da 6ª e 8ª séries citadas do Colégio Estadual John Kennedy trabalham a leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão da intenção verbal – quase sempre, nessas circunstâncias, não há leitura, porque não há “encontro” com ninguém do outro “lado do texto”.

Uma atividade de leitura sem interesse, sem função, pois aparece inteiramente desvinculada dos diferentes usos sociais que se faz da leitura atualmente.

Uma atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momento de treino, de avaliação ou em oportunidade para futuras “cobranças”, leitura que é, assim, reduzida a momentos de exercício, ou, aqueles da “leitura em voz alta” realizados, quase sempre, com interesses avaliativos.

Atividades de leitura cuja interpretação se limita a recuperar os elementos gramaticais ou outros explícitos presentes na superfície do texto. Quase sempre esses elementos privilegiam aspectos apenas pontuais, do texto (alguma informação localizada num ponto qualquer), deixando de lado os elementos de fato relevantes para sua compreensão global (como seriam todos aqueles relativos à idéia central, ao argumento principal defendido, à finalidade global do texto, ao reconhecimento do conflito que provocou o enredo da narrativa, entre outros).

Entre essas e outras atividades utilizadas por essas regentes, os alunos se tornam incapazes de fazer a compreensão das múltiplas funções sociais da leitura, pois muitas vezes, o que se lê na escola não coincide com o que se precisa ler fora dela.

Ao perguntar a alguns alunos se liam e porque liam durante as aulas de português eclodiram as seguintes respostas:

“Pouco, porque nos primeiros anos escolares eu fiz é muito exercício”.

“A professora dava a matéria, explicava e nunca deu uma aula de leitura”.

“A gente lia apenas o livro didático da matéria”.

“Os professores se preocupam com a gramática e a redação”.

Enfim, uma escola sem tempo para a leitura, porque, como declararam os alunos, “tinha que aprender as narrativas, a língua portuguesa e as palavras que a gente fala errado” e o quesito ensino de leitura sempre ficando para o segundo plano, entretanto, será sempre cobrada, dentro e fora desta escola.

Posto essas respostas pelos alunos do porque não se lê em sala de aula, foi feita a seguinte pergunta: Por que não se há tempo para a leitura em sala de aula?

“Porque foram poucos os professores que mandaram ler”.

“Porque não é possível perder uma aula de português apenas para ler um livro”.

“Porque a professora acha que não estamos preparados para ler livros”.

Aqui se encontra uma compreensão deturpada que se tem da gramática da língua portuguesa e seu estudo tem funcionado como um imenso entrave à ampliação da competência dos alunos para a fala, a escrita e a leitura. Há um equívoco tremendo em relação à dimensão da gramática de uma língua, em relação às suas funções e às suas limitações.

2.1 PEDAGOGIA CRÍTICA

Com o hábito de ler aprende-se que quando se ler, as palavras ouvidas dessa leitura foram pronunciadas pelo autor, essas, agora, deixarão de ser dele, para serem do leitor, pois a partir do momento em que se ler, as palavras se tornarão parte das idéias do leitor, da sua visão de mundo, portanto essa leitura proporciona um melhor entendimento desse mundo e

mudanças de conceitos, os quais tinha-se a muito, já formado com idéias e que de uma leitura para outra vai-se aperfeiçoando-as é esse o maior objetivo da leitura, aperfeiçoar a visão de mundo, entendimento a partir também das idéias dos outros. Pois a linguagem é viva e cria cada vez mais.

Enquanto criança consegue-se narrar algo, um fato, um acontecimento presenciado ou contado por alguém, ao ingressar à escola a finalidade é organizar, aperfeiçoar essas narrações, ou seja, a fala e a escrita em si, entretanto é notável uma enorme dificuldade por parte dos alunos, pois o sistema de ensino que ai está, não preocupa-se em primeiro avaliar a visão de mundo que cada criança já tem antes de ir à escola e simplesmente o bombardeia com regras, esquemas o que dificulta enormemente o seu aprendizado.

Seria notável que o professor ao receber os alunos, nos primeiros dias de aula propusessem trabalhos, interações com os mesmos afim de, mesmo que em um curto espaço de tempo, pudesse esse professor ter mais noção de qual estágio, no geral da turma encontram-se esses alunos, como por exemplo, ele pediria que todos os alunos na aula seguinte chegassem em sala com algum material de leitura, o qual ele goste ou já tenha lido.

É constatado que a utilização de métodos de leitura livre, escolha dos temas e assuntos pelos próprios alunos, dão melhores resultados que apenas as leituras orientadas pelos livros didáticos e próprios docentes.

O entusiasmo do aluno com a figura de assuntos os quais algum deles tenha escolhido é logo perceptível. Pois, esses ao perceber que existem colegas que sabem a leitura exposta, podem com mais facilidade trocar idéias com seus colegas, como também podem em

outras aulas de leitura, estar passando algo que ele mesmo tenha proposto para ser lido em sala.

Como já citado, não basta que o professor exija que seus alunos leiam, pois ele também deve ser um bom leitor, ele tem que demonstrar aos seus alunos que também lê e que gosta de lê.

Deste modo, a dimensão formadora da leitura deverá ir além do seu caráter instrumental, de gosto ou necessidade. Nestes termos acredita-se que:

A primeira motivação para ler é simplesmente a alegria e o prazer da atividade intelectual [...] a leitura impulsiona o uso e o treino de aptidões intelectuais. [...] Suscita a necessidade de familiarizar-se com o mundo. [...] Tais modificações e interesses íntimos, geralmente não percebidos conscientemente pelos alunos correspondem a concepções definidas de sua experiência (BAMBERGER, 2002, p. 32).

Com esta perspectiva o professor desempenha o papel de incentivador da leitura desenvolvendo um processo que estimule os alunos a lerem e proporcionando na sala de aula um ambiente próprio à interação dos educandos com o texto. Com efeito, a atividade de leitura é percebida como uma interação entre o leitor e autor via texto.

A escola tem uma relação de subordinação impressionante com o livro didático o qual serve, muitas, vezes, de forma prejudicial como único referencial para os educadores e educandos. Por isso, sendo o educador um bom profissional dotado de técnicas, supostamente encontrará pontes para outros referenciais. Nesta perspectiva: “Quando e se os professores assumirem, como sujeitos, o desafio da prática do cotidiano das salas de aula, dos livros, das situações de leitura. Mas especificamente quando encaram o desafio de ensinar a ler e a gostar de ler” (ZILBERMAM, 1995, p. 111).

Nesta perspectiva, o professor deve atender uma premissa básica, ele tem que ser, antes de tudo, um bom leitor e tem que gostar de produzir escritos. Para assim refletir sobre o uso da leitura no livro didático, e ao perceber que tal uso é mecânico, linear, inverter essa situação e fazer dos seus conhecimentos de leitura o sujeito da sua aula.

É direito de qualquer aluno não gostar da escolha do livro didático imposto pelo professor. Principalmente quando eles se defrontam com livros que tratam de temas para os quais não têm muito repertório ou quando se trata de um gênero desconhecido. A medida do “sucesso” de uma leitura depende, em boa parte, da forma como o professor faz o contato dos alunos com a obra. Se ele explica a época que o livro foi escrito, quem é ou foi o seu autor, qual o impacto que produziu e como eram os costumes, na época em que foi lançado o livro, o aluno com certeza se sentirá mais motivado. O importante é que eles desenvolvam o hábito da leitura.

A leitura é sem dúvida indispensável ao conhecimento. Por isso, os educadores devem fazer com que o amor aos livros se transforme no tema central de conversas em sala de aula, falando informalmente para os alunos sobre os elementos do mundo da escrita que auxiliam a leitura: livros, autores, poetas, ilustradores, etc., pois quanto mais o aluno tem informação melhor, ou seja, o aluno sabendo do envolvimento, conjunto de pessoas que existe para tecer e publicar um texto, livro de certa forma já ajuda a aguçar o interesse do mesmo para ler e assim o professor conseguirá um interesse maior de toda a sala. Assim o professor pode também organizar sessões de leitura livre, dessa forma aprende-se com a experiência do outro e, pois muitas vezes, o aluno se sente motivado a ler um livro a partir da descrição do colega.

3 CONCLUSÕES E RESULTADOS

Morin (2000, p. 47) afirma que “a educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrada na condição humana”. Aliados a esta afirmação, os professores devem ter em mente a importância de preparar os alunos para a vida, para garantir as futuras gerações um mundo com mais entendimento, beleza e sustentabilidade, ou seja, a escola precisa converter a leitura em um objeto de aprendizagem, trabalhar a diversidade de textos, tendo como objetivo buscar informações e dados para a solução de um determinado problema.

Com isso, considera-se bom leitor um indivíduo que compreende e interpreta o texto sem nenhuma dificuldade, mas a culpa não está no aluno e sim na forma de como é ensinada a leitura para eles.

Toda a problemática ressaltada é atribuída à deficiência e desinteresse aos métodos cansativos usados no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, que se limita apenas à leitura de textos e explorações de livros didáticos, ou a cópia da lição no quadro.

De acordo com os novos desafios abordados pela política educacional formulada a partir da Lei de Diretrizes e Bases Nacional (LDBN), os educadores têm o compromisso de contribuir com essa nova pedagogia, que se preocupa em passar tudo para o aluno, cativando sua atenção, despertando o interesse pelas aulas, além de motivá-los a enriquecer seus conhecimentos através da interação com a leitura, transformando-os em seres capazes de construir uma nova realidade.

Por vários motivos, muitos alunos não têm contato sistemático com leitura de qualidade e com adultos leitores. A escola, então, torna-se o único veículo de interação desses alunos com textos, cabendo então a ela oferecer leituras de qualidade, diversidade de textos, modelos de leitura e prática de leituras eficazes, e conseqüentemente formar leitores competentes.

Observa-se, pois, que, leitura é um processo que deva ser privilegiado pela escola, pelo professor. Ler pode ser confundido com saber interpretar, o que distinguirá é a forma de como será atrelada. O aluno ou indivíduo qualquer que lê bastante melhora o seu vocabulário, sua compreensão do mundo e tende a não cometer desvios ortográficos. Ocorre que, a escola vincula a necessidade de leitura, mas também a forma de como ela atrela essa necessidade pode afastar o aluno da realidade dos livros, textos. Não é a toa que camuflados no processo de escolarização estão aqueles que chegam ao final do Ensino Fundamental sem serem capazes de “ler” e ao mesmo tempo compreender o material escrito que o circunda.

A leitura, um dos objetivos primeiros da escola não está em sua grande maioria sendo alcançada, com o sucesso devido. O que implica, conseqüentemente, também na não formação de opinião, quanto ao mundo, em que vive o indivíduo, o qual sem ter o domínio da leitura, para assim poder melhor compreender a ideologia do mundo em que vive, fica a mercê de uma minoria, a qual detém a formação de leitura necessária para a compreensão do mesmo, sendo que essa minoria impõe regras, tendências e assim divide a sociedade em classe leitora “dominadora” e classe não leitora “dominada”.

Compete, assim, a todos os profissionais de educação, não somente aos de língua portuguesa, conduzir os educadores à aprendizagem, via leitura. Deste modo se faz necessário

pensar que a melhor forma de entender a leitura é considerarmos as fases da leitura. Durante um bom tempo não se levou em consideração a importância das chamadas “idade de leitura”, entretanto é inegável que existem algumas pontes convergentes para a procura do que ler, tais tendências se esbarram na idade e se justificam pela existência das fases de desenvolvimento do indivíduo, resguardando, evidentemente, alguns casos isolados.

Como já ressaltado, a escola é muito mais do que o espaço onde sistematicamente realiza o processo ensino-aprendizagem. A falta de observância do poder de transformação que possui a escola é causa geradora de graves problemas que incidirão principalmente no futuro do aluno. O conhecimento, a conscientização e a expressividade do aluno, dentre outros fatores, são influenciados pela aprendizagem proposta pela escola para a leitura.

Nos dias atuais, mesmo com os mais modernos métodos de alfabetização, fato é que as sociedades modernas presumem que seus membros não são alfabetizados, contudo, tal presunção é no sentido de indicar que muitos não vêem, por exemplo, que também, no simples ato de escrever palavras estará utilizando-se do poder que é a aquisição da leitura e que ao ler palavras escritas, precisará desse mesmo poder, dinâmico.

A leitura proporciona benefícios óbvios e indiscutíveis aos indivíduos e à sociedade. Ela é em forma de lazer e de prazer, aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação. Nessa sentido, o ato de ler constitui-se, em ampliação dos horizontes, de conhecimento, de experiências, bem como se transforma em instrumento necessário e que oportuniza o acesso ao mundo do trabalho.

Para que a leitura possa ser interpretada é preciso que o aluno ou indivíduo utilize o conhecimento prévio, daquilo que foi adquirido ao longo de sua vida, ou seja, isso envolve os conhecimentos lingüísticos, textuais e de mundo, que devem ser ativados durante a leitura. Isto porque o simples ato de passar os olhos pela linha não é leitura, pois esta implica uma atividade de procurar por parte do leitor, no seu passado de lembranças e conhecimentos relevantes elementos que o ajudarão a melhor compreender o texto.

Por isso já que o leitor deve buscar significado no texto, o melhor caminho é tentar encontrar as relações coesivas, ou seja, elementos de ligação que permitam a verificação de sentido. Significa que o leitor deve fazer as ligações necessárias para a construção do contexto, deve recorrer a antecedentes para compreender o novo que está escrito bem como obedecer ao princípio da coerência. Quando há interpretações conflitantes deve-se escolher aquela que torne texto coerente. Entretanto, antes que se busque a coerência de um texto é preciso que o leitor já compreenda o tema do que será lido, pois se o leitor não conseguir formular uma hipótese flexível sobre o tema antes mesmo de começar a lê-lo, então a construção de ligações textuais tornar-se-á difícil ou até mesmo impossível.

Tendo em vista as considerações feitas sobre os problemas percebidos durante os estágios, seria sensível que professores, educadores que são se comprometessem cada vez mais com o seu papel de formadores de opinião e de cidadãos capazes de ao saírem das salas entender e participar melhor do mundo em que vivem.

REFERENCAL BIBLIOGRÁFICO

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo, Ática, 2002.

Brasil, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / MEC, Brasília, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia: diálogo e conflito**. São Paulo, Cortez, 1985.

GAGLIAR, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipione, 2001.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de nutilancia e divulgação*. Campinas: mercado de Letras, 2000.

Lei Nº 9394. *Lei de Diretrizes e Baes da Educação Nacional*. MEC, Brasília, 1996.

MORIN, Edgar. **Sete Sabores Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo, Cortez, 2000.

SOARES, Magda B. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo, Ática, 1986.

ZILRERMAN, Regina e Silva, Ezaquiel Theodoro. *Leitura pespectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1995.